O LICEU DO MEU TEMPO

Mozart Soriano Aderaldo

O Colégio Estadual Liceu do Ceará, última denominação que lhe foi dada em lei, depois de ter sido somente Liceu do Ceará e, durante poucos anos, Colégio Estadual do Ceará, é o quarto estabelecimento, do gênero, criado no Brasil.

Efetivamente, já em 1843 a então Assembléia Provincial votava o Projeto no. 12, que o instituía, iniciativa essa que não mereceria a sanção do Presidente da Província, Marechal José Maria da Silva Bittancourt, pelo fato de que o art. 9o. do Autógrafo autorizava o futuro estabelecimento de ensino a fornecer diplomas de Bacharel em Letras, o que ao Presidente pareceu exorbitância de funções da Assembléia. Esta, porém, não se convenceu da irregularidade da medida e derrubou o veto presidencial, que, em 1844, através de ofício do então Ministro do Império, José Carlos Pereira de Almeida Torres, futuro Visconde de Macaé, comunicou assistir razão ao Presidente Bittancourt.

Destarte, a Assembléia Provincial voltou a tratar do assunto em 1844, votando outro Projeto que não continha a matéria impugnada. Sancionado esse segundo Autógrafo pelo Presidente Bittancourt, foi enfim promulgada a Lei no. 304, de 15 de julho daquele ano, cujo art. 1o. (e eram 15 os seus artigos) assim rezava: — "Fica criado nesta capital um liceu, que se comporá das cadeiras seguintes: Filosofia Racional e Moral; Retórica e Poética; Aritmética, Geometria, Trigonometria; Geografia e História, Latim, Francês e Inglês."

Caberia, entretanto, ao Presidente seguinte, Coronel de Engenheiros Inácio Corrêa de Vasconcelos, dar regulamento ao novel estabelecimento, o que se concretizou em 12 de setembro de 1845.

Achava-se em condições de funcionar o Liceu do Ceará. Restava ser ele instalado convenientemente, enquanto os professores, sob a segura dire-

ção de Tomás Pompeu de Sousa Brasil, depois Senador do Império, se reuniam na residência do grande cearense, esquina noroeste das ruas que se chamariam "do Senador Pompeu" e Guilherme Rocha, prédio onde se instalaria, posteriormente, a "Padaria Palmeira", demolida não faz muitos anos.

Pompeu, a 24 de setembro de 1845, oficiou ao Presidente da Província, dando conta dos esforços que desenvolvera no sentido de conseguir as acomodações necessárias para o Liceu, tendo encontrado somente o prédio "do Sr. Odorico" (Odorico Segismundo de Arnaud), "no largo do Paiol da pólvora" (depois da Praça dos Mártires ou, como o povo costumava e ainda costuma chamar, Passeio Público). Nesse lugar (esquina das ruas Major Facundo e João Moreira) erguia-se o velho sobrado "do Sr. Odorico", onde se instalou o Liceu, às 13 horas do dia 19 seguinte, depois demolido para ser levantado no local novo edifício, também de dois pavimentos, pertencentes aos herdeiros de Dario Teles de Meneses, ocupado, em fins do século passado, pelo "Clube Cearense", depois pela "Fenix Caixeiral", posteriormente pelo "Hotel de France", mais recentemente (quando lhe ocorreu substancial reforma e lhe acrescentaram mais outro andar, após sua aquisição pelo coronel José Gentil Alves de Carvalho, ao preço de 80:000$000), pelo "Palace Hotel" e, por fim, pela "Associação Comercial do Ceará". Dele falei exaustivamente quando escrevi sobre a antiga Rua da Palma (capítulos de meu livrinho "História abreviada de Fortaleza").

O Liceu ali se estabeleceu, como foi dito, a 19 de outubro de 1845, pagando-se o aluguel de 350$000 réis anuais. Já em fevereiro de 1848 passaria ele para uma das frentes do prédio da Tesouraria Provincial, onde se instalariam, depois, a Secretaria da Fazenda, o Arquivo Público e Museu Histórico e o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), prédio esse demolido em 1957 para no local levantar-se o "Forum Clovis Beviláqua". Em julho de 1851 voltaria o Liceu ao sobrado de Odorico Segismundo Arnaud, retornando, porém, ao edifício da Tesouraria Provincial em dezembro do mesmo ano. O Liceu peregrinaria por muitos anos, sem sede própria, pois funcionaria ainda em dependência da Santa Casa de Misericórdia e no prédio do antigo Quartel da Força Policial (esquina sudoeste das ruas General Sampaio e Liberato Barroso, onde se instalaria, depois, a Escola Industrial e, já em novo edifício, construído no local pelo Interventor Roberto Carneiro de Mendonça, o Centro de Saúde, demolido afinal no Governo César Cals Filho para ampliação da área de lazer do Teatro José de Alencar). Somente no governo do Coronel José Freire

Bezerril Fontenele o Liceu teria sede própria, inaugurada solenemente em 15 de março de 1894. Nesse prédio foi que fiz o curso seriado (secundário), de 1929 a 1933. Quatro anos depois seria ele criminosamente demolido, na Administração Menezes Pimentel, dizem que por influência de Manoel Cordeiro Neto, então Chefe de Polícia do Estado, transferindo-se o Liceu para sua sede atual, à Praça Gustavo Barroso, ex-Fernandes Vieira. Dois erros num só ato: com isso se entupiu outra praça da cidade, em Jacarecanga!

Que aspectos apresentava o velho e belo prédio hoje inexistente? Gustavo Barroso, que o freqüentou nos fins do século passado e princípios da presente centúria, assim o descreve em "Liceu do Ceará", 2o. volume de suas "Memórias".

"O Liceu era um casarão de platibanda, pintado de verde, com cinco sacadas de gradis de ferro, de cada lado de alta porta, abrindo sobre meia dúzia de degraus de mármore. No vestíbulo, sob uma sineta de bronze pendente dum arco, a mesa do porteiro, o negro José, tipo de abaxim de "pince-nez" de ouro sempre a escorregar, pretencioso, malcriado, antipático, continuamente de má vontade, mas desmanchando-se em adulações ao diretor e aos professores. Ali os corredores que dividiam as salas cortavam-se em cruz. Havia ao todo oito salas, seis para os seis anos do curso, uma para a Secretaria e outra para o Gabinete de Física, Química e História Natural. Esta vivia sempre fechada. Uma vez por outra, ali entrava o professor Francisco Moura e pela porta entreaberta se lobrigavam seus mistérios: bichos empalhados, maquinismos estranhos, um esqueleto apavorante! Quatro salas davam para a praça e quatro para a larga varanda corrida debruçada sobre um pátio interno, entre cujas colunas se estiravam compridos bancos de pau. Alguns anos mais tarde, essa disposição interna seria completamente modificada."

"No lado contrário do pátio ou quintal, como chamávamos, as portas trazeiras de outro edifício semelhante, levantado pelo mesmo construtor, com frente para a rua mais crismada de Fortaleza: Direita, de Baixo, Conde d'Eu e Sena Madureira. Hoje nem sei mais que nome tem. Nele estava instalada a Biblioteca Pública. Nas duas faces laterais do pátio, dois pequenos pavilhões em que ficavam as sentinelas, um destinado à Biblioteca e o outro, ao Liceu."

"A Praça dos Voluntários era um retângulo arenoso, emoldurado de casas por três lados, orlado de velhas castanholeiras e mongubeiras fron-

dosas e tracejantes, hoje (1940) substituídas por abjetos **ficus** aparadinhos. O quarto abria para vasto terreno em declive que ia ter ao Parque da Liberdade, construído no local da antiga lagoa do Garrote, aprisionada em margelas de cimento. A gente miúda não dizia nunca — a Praça dos Voluntários, mas — o Garrote. Eleva-se aí, agora, o palacete do Clube Iracema. A edilidade atual de Fortaleza não se cansa de entupir-lhe as velhas praças."

"O edifício do Liceu ficava quase ao fim do lado oriental do retângulo. Entre ele e a esquina da bodega do velho Amorim, somente a casinha baixa de porta e janela e biqueira corrida, onde este morava. Do outro lado, uma casa de platibanda e um renque de casinholas de meia morada e bicas que se prolongavam até o canto da rua do Rosário, onde se erguia, fronteiro, um sobrado velho e sujo, em cuja loja funcionava um botequim de má fama com o letreiro característico: — "O diabo a quatro"! No fundo, fazendo esquina com a rua do Oitizeiro (General Bizerril), a vendinha do Lino, de fama pior que o botequim."

"Em frente, na face ocidental, o sobrado azul de meu tio-avô Antonio José Seifert, seguindo-se-lhe uma linha de casas baixas, fronteiras ao Liceu, entre as quais a de D. Sabina Macaíba, excelente senhora, casada com o Sr. Viriato, guarda-livros da firma Boris Fréres, então a mais importante de Fortaleza. D. Sabina era a mais exímia fazedora de lapinhas da cidade. Um pouco adiante, morava Teofredo de Castro Goiana, digno funcionário do Estado, cujo amor ao dinheiro era proverbial. Em duas residências maiores, de **cinco portas**, uma delas **abarracada**, isto é, com porão, habitavam as duas personalidades mais notáveis do pequeno logradouro: o negociante José Gentil e o Desembargador Irineu".

"No meio da praça, ao lado de um cacimbão com aduelas de pedra-lioz de Lisboa, construído na seca de 1877, um chafariz de ferro sistema Wallace, inutilizado. Toda praça da Fortaleza de meu tempo tinha um nessas condições".

Em 1929, o Liceu não era mais pintado de verde, como no tempo de Gustavo Barroso, mas de cinza, em duas tonalidades.

Referentemente à parte interna do velho prédio, apresentava realmente, nos idos de 1929 a 1933, as alterações a que Gustavo Barroso aludiu no 2o. volume de suas "Memórias".

Nesse meu tempo de aluno do Liceu, a Biblioteca Pública do Estado não mais se abrigava na parte que dava frente para a rua Sena Madureira, ocupando o Liceu os dois prédios, isto é, a parte fronteiriça à Praça e a outra, antigamente ocupada pela Biblioteca e com frente para a rua Sena Madureira. Entre as duas um longo passadiço com coberta suspensa por colunas, cheio de bancos laterais, que as unia, e onde se pendurava o sino delimitador das horas de aula, sempre manejado pelo Colares. Essa parte do prédio servia de sede à Diretoria e à Secretaria do Liceu, além da salinha em que ficavam as alunas durante o recreio (secção norte), enquanto a secção sul abrigava a Congregação e, correspondendo à salinha das alunas, os sanitários de professores e funcionários. O sanitário dos alunos constava daquele "pavilhão" construído no pátio sul, isolado, sendo necessário enfrentar o sol e a chuva para chegar a ele. O do lado norte, se não me equivoco, destinava-se às alunas.

Na parte que dava frente para a Praça situavam-se as cinco salas de aula e os laboratórios de Física, Química e História Natural.

Lembro-me bem de que na arcada em que terminava o corredor do prédio da Praça dos Voluntários estava escrito o seguinte lema de Cícero: — "Homo non sibi solo natus est, sed Patriae, sed suis". O dístico, realmente, queria lembrar que o homem não nasceu só para sí, mas para a Pátria e para os seus, embora nós o traduzíssemos assim, na irresponsabilidade de nossos verdes anos: "o homem não é sebo, não é sola, não é nada, é um prato sujo"... Recordo ainda outra frase escrita na parede da sala do 3o. ano, que provocava discussões: — "A grandeza de um povo não se mede pela sua configuração geográfica". Ora, quem já viu povo ter configuração geográfica? Quem é identificado pelo território é o país e não o povo que nele habita! Hoje se pode ver que o autor da frase apenas usara de certa liberdade de composição, inadmissível para quantos se achavam na idade da contestação a qualquer título...

Foi esse prédio, respeitável sob todos os pontos de vista, lamentavelmente demolido, como já se disse, para em seu lugar ser construída a sede de Polícia. Isto em uma terra em que o que não falta é terreno...

Quanto à Praça dos Voluntários, continuava ornada das belas mongubeiras referidas por Gustavo Barroso, embora a memória não registre as antigas castanholeiras. Faltavam-lhe — lembro-me bem — o cacimbão, provavelmente aterrado, e o chafariz, certamente removido. Entre as árvo-

res, bancos sem encostos, onde os alunos conversavam, jogavam "firo" e passavam grande parte do recreio e das "gazetas". A praça era calçada de pedras irregulares, dessas que o espírito galhofeiro de nossa gente chamava de "cearálepipedo". No vasto terreno que se estendia para o sul ainda não havia sido construída a nova sede do clube Iracema (atual prédio da Prefeitura), o que somente ocorreria em torno de 1940, e o edifício do jornal católico "O Nordeste", fechado posteriormente pelo arcebispo Dom José de Medeiros Delgado. Ali jogávamos "peladas", a poeirama levantando em frente ao belo palacete da família Carneiro, esquina noroeste da rua General Bizerril com Pedro Pereira, não referido por Gustavo Barroso por ter sido construído posteriormente ao tempo em que estudou no Liceu. Entretanto, o quadro da praça propriamente dita continuava praticamente o mesmo, com quase todos aqueles prédios a que se referiu Gustavo Barroso. Não mais residia ali o negociante José Gentil, que já havia "descoberto" o Bemfica e lá construído seu belo palacete residencial, depois devidamente ampliado, sede da Reitoria da Universidade Federal do Ceará. Mas ainda lá morava Teofredo Goiana, que viveu até a década de 1940 ou 1950. Em casa de larga frente residia João Lopes, dono do Edifício Lopes, que construiria na década de 1930 na rua Major Facundo. Essa casa, de tão grande, abrigaria tempos depois o Curso Comercial Carlos de Carvalho. Já no fim do lado oeste da Praça, confrontando com o início do areal onde jogávamos bola, morava o Dr. Antônio Gois Ferreira, médico e irmão do oculista Dr. Hélio Gois Ferreira. Do outro lado, na rua do Rosário, entre o belo edifício do Liceu e a esquina sudeste do retângulo, não mais morava o velho Amorim, mas Amarílio Brasil de Matos, pai de meu contemporâneo de Liceu — Alípio de Castro Matos — , e a bodeguinha da esquina fora sucedida pela Torrefação do Café Brasil, de propriedade do citado Amarílio Brasil de Matos.

Quando ingressei no Liceu, através de exame de admissão, fi-lo seguramente, pois estudara antes, preparando-me convenientemente, com o professor Martinz de Aguiar, que dava aulas em casa de duas portas, sita na rua General Sampaio, lado da sombra, no quarteirão entre as ruas Pedro Pereira, então de São Bernardo, e Pedro I, onde moravam seus pais. Vindo de sua residência, na rua 24 de Maio, Aguiar trocava de roupa para ensinar seus pequenos alunos, a fim de não sujar nem amarrotar o terno de sair, revelando assim uma faceta de sua interessante personalidade — a limpeza. Lembro-me de que foi condiscípulo meu nesse cursinho particular o futuro contemporâneo de Liceu, Hugo de Gouveia Soares Pereira, muitos anos após meu colega no Tribunal de Contas do Estado.

Em princípios de 1929 era Diretor do Liceu o Dr. Hermino Barroso, homem de cultura humanística e artística e pai de Parsifal, meu contemporâneo no Liceu e futuro Governador do Estado a cuja administração servi como Chefe da Assessoria Técnica do Governo. Em 1931 assumiu a direção do estabelecimento o professor Manuel de Ávila Goulart, substituído, em 1933, pelo Vice-Diretor Martinz de Aguiar, mais tarde diretor nomeado.

Detinha então o cargo de Inspetor Federal junto ao Liceu o Dr. Eliézer Studart da Fonseca, médico oriundo de uma das mais ilustres famílias cearenses. Afável mas austero, orgulhava-se de não permitir "colas" nas provas realizadas no respeitável estabelecimento de ensino.

A secretaria do estabelecimento achava-se entregue, em 1929, ao Dr. Aldo Prado, e, após a Revolução de 1930, ao professor Eduardo Mota, de variegadas facetas, que se propunha a substituir qualquer mestre e ensinar múltiplas disciplinas.

Eram amanuenses D. Maria Cléa Nogueira Ramos, sobrinha do Prof. Joaquim da Costa Nogueira, D. Maria Dilma Fonseca, que viria a ser esposa de João Batista Pinto Nogueira, meu contemporâneo do Liceu, depois secretário da Faculdade de Direito do Ceará e, mais recentemente, do Tribunal Regional Eleitoral.

As alunas do Liceu tinham como Inspetora D. Cecília Estelita Moura, filha do Conselheiro Estelita, antigo Presidente da Província. Ainda a vejo, com os olhos da alma, fazendo seu **crochet** ou **tricot**, sempre atenta, porém, às suas pupilas, que a adoravam. Inspetores dos alunos eram Joaquim Chaves Colares, Antonio Mendes, Neon Bessa e Francisco Soares Serra. Quantas histórias, anedotas e cenas burlescas poderiam ser contadas sobre cada um deles, se o tempo e o papel sobrassem! Como poderia eu também falar do bedel-arquivista João Pedro da Silveira, bem como de D. Luíza Cavalcante de Farias e de D. Maria José Justa, ambas admitidas em idêntica função mas executando, realmente, serviço de Secretaria. Esta última seria colega minha, muitos anos depois, na Secretaria de Agricultura e Obras Públicas, responsável ela pela Contabilidade enquanto eu exercia o cargo de Assistente Jurídico da pasta.

Os serventes eram Raimundo Ernani de Castro e Silva (cujo apreciável esforço fê-lo subir merecidamente a aluno, professor e Diretor do Liceu), José Vieira da Costa (homenageado, junto aos mestres, por minha

turma, a de 1933), Benedito de Oliveira Filho (o "Mata Cachorro", por ter vindo da Polícia Estadual), que manteve, anos depois, uma guarita de aluguel de calções de banho, na Praia do Meireles, e João Matias Façanha.

No que tange ao currículo, achava-se em vigor o seguinte: 1a. série — Português, Francês, Inglês, Aritmética, Geografia, Desenho e Instrução Moral e Cívica, sendo que a última disciplina era "preparatório", como se dizia.

2a. série — Português, Francês, Inglês, Latim, Desenho, Aritmética, Geografia, sendo "preparatórios" as duas últimas.

3a. série — Português, Inglês, Latim, Desenho, História Universal, Álgebra e Francês, sendo "preparatórios" as duas últimas.

4a. série — Latim, Física, Química, História Natural, Português, Inglês, Desenho, História Universal e Geometria e Trigonometria, sendo "preparatórios" as cinco últimas.

5a. série — Latim, Física, Química, História Natural, História do Brasil, Cosmografia e Filosofia, todas "preparatórios", por se tratar da última série do curso.

Essa expressão "preparatório" era resíduo do regime anterior a 1925, quando os estudantes se preparavam nas disciplinas de sua escolha e prestavam exame daqueles em que se julgavam mais fortes. Assim, o curso era elástico, dependendo do tempo e da capacidade de cada um. Aprovado naquela ou naquelas disciplinas, ia o estudante cuidar de outras, até que fosse aprovado em todas. Com o regime Rocha Vaz, estabelecido embora o sistema seriado, continuaram a ser chamados "Preparatórios" as disciplinas que não eram ministradas na série imediata. Por isso, no caso de repetência de série, se o aluno houvesse conseguido aprovação em disciplina de "preparatório", não a cursaria novamente, embora repetisse as demais matérias, mesmo aquelas em que fosse aprovado.

Todas as disciplinas das 1a., 2a., 3a., e 5a. séries eram ministradas em três aulas semanais, num total de vinte e uma, visto serem sete as matérias dessas séries. Como o Liceu funcionava de segunda-feira a sábado, de 8 às 11 horas, sobrava uma matéria para ser lecionada à tarde. Na 4a. série em que o número de disciplinas subia a nove, e também porque as aulas de Física, Química e História Natural eram diárias, e as de Geometria e Trigo-

nometria eram quatro por semana, o número total de aulas semanais era de trinta e sete.

Pelo Decreto no. 16.782-A, que procedeu a reforma do ensino secundário, a verificação de aprendizagem se fazia, até 1931 (Reforma Francisco Campos), da seguinte forma:

a) prova escrita para as matérias de promoção à série seguinte, isto é, não "preparatórios", feita no fim de ano letivo;

b) prova escrita e oral para as matérias de "preparatórios", também realizadas no fim do ano.

Em 1930 não houve provas, por obra e graça da Revolução de Outubro, passamos "por decreto".

Com a Reforma Francisco Campos, que entrou em vigor em 1932, para a verificação de aprendizagem passaram a ser consideradas as notas de aula, provas parciais e provas finais.

Quanto aos professores do meu tempo, sigamos o currículo antes transcrito, para melhor disciplinamento do assunto.

A disciplina de Português era desdobrada em duas cadeiras: a primeira abrangendo a 1a. e a 2a. séries, enquanto a segunda compreendia a 3a. e a 4a. séries. Na primeira série (1929) tive como professor de Português, se a memória não me trai, o Dr. Hermínio Barroso, que era Diretor do estabelecimento e catedrático de Alemão. Na segunda série (1930) o professor dessa disciplina já foi o então jovem Dr. Otávio Terceiro de Farias. Na terceira e quarta séries (1931 e 1932) voltei então a ter como professor o douto Martinz de Aguiar, aquele que mais influiria na minha vocação para as letras. De tanto ouvir dele a afirmação de que "Eça é divino", fui ler o grande escritor português na Biblioteca Pública do Estado, nessa época sediada nos baixos da Assembléia Legislativa, lado oeste. A análise lógica e léxica de "Os Lusíadas" e de "Iracema" a que procedia em classe, me fez amar o Gênio da Língua e o Criador do Romance Brasileiro. Em diversas ocasiões já manifestei a minha gratidão ao velho professor, inclusive quando me empossei na Cadeira no. 19 da Academia Cearense de Letras, antes ocupada por ele. Nunca será demais, no entanto, proclamar meu reconhecimento àquele que viria a ser também colega meu no Instituto do Ceará.

Nas aulas de Martinz de Aguiar estudávamos pela gramática de Said Ali, mas o espírito largo e irrequieto do mestre não seguia metodicamente os capítulos do livro.

Francês nos era ensinado da 1a. à 3a. séries (1929 a 1931) e nosso mestre era o professor Jorge de Sousa, genro do Comendador Accioly, que dominou a política cearense por dilatados anos, até que foi destituído pelas armas em 1912. Jorge de Sousa ensinava com base nos compêndios de Carlos Ploetz, Monat Ruch e principalmente Halbout, José Francisco Halbout, francês de nascimento que se naturalizou brasileiro e foi professor do Ginásio Nacional ou Colégio Pedro II, tendo escrito afamada "Gramática Teórica e Prática da Língua Francesa", adotada por inúmeros colégios do Brasil, o Liceu do Ceará inclusive. Quanto aos livros de tradução, utilizávamos "Lectures Choisires", de Chateaubriand, e as "Fábulas de La Fontaine". Lembro-me bem de que a aula do professor Jorge de Sousa, na 3a. série, tinha início às 13 horas, devendo terminar faltando dez minutos para as 14 horas; mas findava geralmente antes, ao abrir o aluno, a mando do mestre, o livro das "Fábulas", de onde saía o palpite para o "jogo do bicho", a ser "arriscado" na bodega da esquina noroeste da praça com a rua General Bizerril, que sucedeu à vendinha do Lino, a que se referiu Gustavo Barroso. Ótimo orador, o professor Jorge de Sousa era homem sisudo mas naturalmente bom, deixando-se enganar quando as sabatinas orais, em que um só aluno, o melhor de nossa turma em Francês, respondia por todos os outros, recebendo notas variadas, sempre superiores a 5 ou 6.

Inglês era outra disciplina desdobrada em duas cadeiras. A primeira ministrada por Mozart Solon, nas 1a. e 2a. séries (1929 e 1930); quanto à segunda, a cargo de Waldemar Barros, se situavam nas 3a. e 4a. séries (1931 a 1932). Waldemar Barros era esforçado, embora sem ter a competência de Mozart Solon, que conhecia bem o idioma inglês, porém, precisando sustentar família numerosa e assumindo responsabilidade acima de suas forças, alinhavava, cansado, as suas aulas. Pensando em ambos, nesta hora de nostalgia, prefiro registrar o muito de positivo que algumas gerações lhes devem. Waldemar Barros adotava a gramática de Fritzgerald e seu livro de tradução era o "Royal Readers" editado na própria Inglaterra. Já Mozart Solon preferia a "Estrada Suave".

Quanto às Matemáticas, achavam-se divididas em Aritmética, ministrada nas 1a. e 2a. séries (1929 e 1930); Álgebra, ministrada na 3a. série (1931); Geometria e Trigonometria, ministradas na 4a. séries (1932). O professor catedrático era Manoel de Ávila Goulart, de indiscutível compe-

tência, mas péssimo didata. A certa altura do curso, foi ele substituído pelo jovem César de Adolfo Campelo, que, sem a erudição do catedrático, foi o maior talento que conheci para transmitir a jovens apedeutas os segredos da matéria. César chegou, mesmo, a fazer escola, formando uma plêiade de professores de matemática, principalmente depois da fundação do Ginásio São João, de propriedade de seu cunhado João Gentil. Seguíamos, em nossos estudos da disciplina, a obra de Trajano.

A Geografia era ensinada nas 1a. e 2a. séries (1929 e 1930), sendo professor o jovem bacharel e depois autorizado mestre Domingos Braga Barroso, sobre quem falarei adiante.

Aprendíamos Desenho durante quatro anos (1a. cadeira nas 1a. e 2a. séries, isto é, em 1929 e 1930; 2a. cadeira nas 3a. e 4a. séries, isto é, 1931 e 1932). Da 1a. cadeira encarregava-se o professor Joaquim da Costa Nogueira, emérito educador, ainda amargurado e rigorosamente de luto pelo assassinato de seu filho José, ocorrido em 1914. Mestre competente e responsável, dava-se ao trabalho de transcrever, para cadernetinha sua particular, a freqüência e as notas de argüição de todos os seus alunos. Isto lhe acarretaria, após a Reforma de Francisco Campos, em que essas notas valiam para a verificação de aprendizagem, outro grande desgosto. É que, surrupiada a caderneta oficial, por alunos despreparados e inescrupulosos, no ano letivo de 1933, não surtiria efeito a ação desonesta, mas acarretaria ao velho mestre a imposição pelo Interventor Federal Roberto Carneiro de Mendonça, sob pena de se ver sumariamente demitido, de seu pedido de exoneração, depois de inquérito parcial e injusto em que o velho educador sofreu os maiores vexames. Carneiro de Mendonça, homem sério e bom, causou essa grande mágoa ao preceptor de muitas gerações de cearenses, por ter sido mal informado. Que o professor Nogueira tenha agora a paz que a vida, tão ingrata, lhe negou! Substituiu o professor Nogueira na primeira cadeira de Desenho o professor José Leopoldino Filho. Da 2a. cadeira de Desenho encarregava-se o professor Antônio de Menezes Pimentel.

Instrução Moral e Cívica, disciplina que desapareceria do currículo dos colégios para retornar, anos depois, sob o nome de O.S.P.B. (Organização Social e Política do Brasil), nos foi ministrada pelo talento de Antonio Papi Junior, aureolado com a justa fama de ser o autor de romances de sucesso, bem assim do livro-texto, por ele escrito especialmente para seus alunos do Liceu. Tenho do velho professor uma grata recordação e possuo um exemplar de seu raríssimo livro de classe.

Latim era disciplina também dividida em duas cadeiras, compreendendo a primeira delas a 2a. e a 3a. séries (1930 a 1931), enquanto a segunda abrangia a 4a. e 5a. séries (1932 e 1933). A primeira cadeira estava a cargo do Padre José Quinderé, enquanto a outra era ministrada pelo professor Erminio Araújo e Silva, mas, sendo Deputado Estadual o Pe. Quinderé, o professor Erminio Araújo encarregava-se de ensinar Latim da 2a. a 5a. séries, quando aquele se encontrava em pleno exercício de seu mandato, o que aconteceu até outubro de 1930, isto é, até o fechamento das Assembléias pela Revolução daquele ano. Pe. Quinderé fruía justa fama de trocadilhista e anedotista, embora homem de comportamento irrepreensível. Essencialmente bom, comprazia-se em não colocar pedras nos caminhos dos outros; pelo contrário, estando no seu poder, tirou-as muitas. O professor Ermínio Araújo conhecia como ninguém a bela língua-mãe do Português. Mas não era bom didata, devendo-se isto talvez ao fato de ser muito míope e não usar óculos. Por isso, nas argüições orais, ocorria com ele o mesmo fato já referido quanto ao professor Jorge de Sousa, isto é, um único aluno, mudando de carteira, respondia pelos demais colegas. Não podendo evitar esses casos nas argüições orais, o professor Ermínio Araújo "defendia-se" nas provas escritas, em que utilizava um processo "sui generis" para identificar os alunos que "colavam": — omitia uma ou mais palavras no texto dado para tradução. . . E era, como o professor de Francês, um viciado no "jogo do bicho".

O ensino de História Universal era ministrado pelo professor Hermenegildo Firmeza, de origem caririense e de vivência política, antigo rabelista e jornalista de pena segura e combativa. O livro por ele adotado nas 3a. e 4a. séries (1931 e 1932) era o "Epítome de História Universal" de Jonathas Serrano, que procurávamos entender, muitas vezes sofrida e, não raro, inutilmente.

Da cadeira de Física, nas 4a. e 5a. séries (1932 e 1933), era professor o Dr. Roberto Pereira dos Santos Lisboa, uma das mais autênticas vocações para o magistério que tenho encontrado no decorrer de minha vida. Dedicado, estudioso e bom didata, com ele não aprendia somente quem não desejava mesmo estudar. Honra lhe seja pois, neste testemunho de um seu ex-aluno. O professor Roberto Lisboa adotava como livro-texto a "Física" de Nobre, Francisco Roberto Nobre, autor português de obras didáticas de valor.

Torquato Porto esforçava-se por ensinar Química na 4a. e 5a. séries (1932 e 1933), mas com pouco fruto. Ensaiava ele, naquele tempo, os

primeiros passos no conhecimento dessa ciência e seus alunos percebiam seu esforço sem bases sólidas, pois é certo que os estudantes, não sabendo embora as matérias, sentem como ninguém quando os mestres não as dominam plenamente. Não obstante o resultado positivo daquele esforço do velho mestre, que lhe ensejou um conhecimento razoável da ciência que resolvera abraçar, não mais pôde afirmar-se ante as diversas gerações de estudantes, que, todavia, o estimavam realmente por sua reconhecida bondade.

A História Natural era ensinada na 4a. e na 5a. séries (1932 e 1933) pelo professor Dr. Luís Costa, talentoso e displicente, limitando-se a reproduzir em aula o que se continha nos livros que adotava — "Zoologia" e "Botânica" de Lafayette Rodrigues Pereira. Se tivesse disposição para estudar mais ou, mesmo, ensinar seriamente o que já sabia teria sido, sem dúvida, um grande professor.

A História do Brasil era ministrada na 5a. série (1933) por Henriqueta Galeno, filha do velho bardo das "Lindas Canções Populares", mulher de muitos méritos e muitos inimigos, que lhe moviam persistente e injusta campanha, só arrefecida com o tempo. O Ceará lhe deve serviço inestimável na promoção de seus maiores filhos no campo intelectual. Estimei-a muito, anos depois, e creio que fui por ela estimado também.

Cosmografia, matéria-irmã da Geografia, era ensinada na 5a. série (1933), sendo dela professor o mesmo de Geografia — Domingos Braga Barroso, entusiasta dessas duas ciências e fogoso transmissor de conhecimentos gerais aos jovens e sedentos liceistas de então, não obstante a justa fama de indisciplinados que desfrutávamos na cidade. Devo a Domingos Barroso muito do gosto pelo estudo da Geografia e ciências afins.

A cadeira de Filosofia, na 5a. série (1933) era ministrada por Jáder de Carvalho, em substituição ao Dr. José Sombra, tragicamente falecido em 1932.

Havia, ainda, um preparador de Física e Química, que era como se denominava então o Laboratorista, função essa exercida por José Teófilo Gaspar de Oliveira, pai do futuro General de Exército Tácito Teófilo Gaspar de Oliveira. Casmurro, sereno, pouco se comunicava com os demais, porém deixou-nos o exemplo de como não se fere ninguém e de como se pode ser bom sem ostentação.

O mesmo se diga da cadeira de História Natural, cujo preparador chamava-se Francisco Campelo Matos, quase sempre presente às aulas do Dr. Luís Costa.

Junto ao Liceu funcionava uma Escola de Instrução Militar (EIM-163), destinada aos alunos com idade suficiente para o serviço militar. A EIM-163 teve vários Instrutores durante o qüinqüênio em que estudei no Liceu, dentre os quais os Sargentos Manuel Genito do Carmo, Pedro Lucas Advíncula, Ramiro Antônio de Sousa e Ciríaco Barbosa Damasceno, tendo o último logrado concluir o curso de Odontologia, posteriormente.

O ensino de música, incluído no currículo com a Reforma Francisco Campos (1932), estava a cargo do violinista Edgar Nunes, já meu conhecido, pois fora meu professor particular quando integrava eu o corpo de alunos da Escola de Música Carlos Gomes, instalada na rua Senador Pompeu, atual no. 958. É de Edgar Nunes a música do Hino do Liceu do Ceará, responsabilizando-se pela letra o poeta Sobreira Filho. Desse Hino recolho, de memória, estes versos:

Mocidade vibrante do Liceu,
Bela e forte como Anteu. . .

Também foi incluído no currículo, a partir de 1932, o ensino de Religião, facultativamente embora. Nos primeiros tempos dessa experiência, que vigorou por muitos anos, o Liceu teve o privilégio de ter como professor o notável sacerdote que foi Monsenhor Antônio Tabosa Braga.

Foi com esses preceptores que logrei concluir o antigo Curso Secundário (5a. turma pelo Decreto no. 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925). Éramos 42 concludentes, que resolvemos aceitar a sugestão para colocar no quadro de nossa formatura o lema de Vergílio, agora transcrito nesta rememória: — "Manet alta mente repositum". Isto é: — "a lembrança permanecerá para sempre em nossa memória".

Foram colegas meus de turma, concludentes em 1933, os seguintes liceistas:

1 — Tancredo Halley Alcântara, que se formaria em Direito e viria a ser Procurador do IAPC, Secretário Estadual de Administração no Governo Parsifal Barroso e candidato a Senador nas eleições de outubro de 1969. Reside hoje no Rio de Janeiro.

2 — Marino Guimarães, que se diplomaria em Engenharia e passaria a residir no Sul do País.

3 — José Pereira Gadelha, que, diplomando-se em Direito, seria escrivão em sua terra (Sousa, Paraíba) tempo em que abandonaria a vida boêmia, que até então levara, mas sendo assassinado em pleno tribunal do júri.

4 — Bernardo de Albuquerque, o "Bolinha", apelido que lhe pusera o professor Martinz de Aguiar pelo fato de ser alto e magro, também paraibano, que se formaria em Direito e advogaria em seu Estado natal, com quem teria um fortuito encontro, mais de quarenta anos depois, em Cajazeiras, terra de minha esposa.

5 — Araci Lopes de Sousa Aguiar, sobrinha do professor Martinz de Aguiar, que se formaria em Medicina pela Faculdade da Bahia, clinicando hoje em Fortaleza.

6 — Iracema Ribeiro Pinto Bandeira, irmã de Astolfo e Elisafan, de família presbiteriana, por sua natural bondade, estimadíssima de seus colegas, quase todos oriundos de famílias católicas.

7 — Astolfo Ribeiro Pinto Bandeira, atrás referido, que se formaria em Agronomia e seria alto funcionário do Ministério da Agricultura e, depois, do da Educação.

8 — Edelweis Brandão Maia, que faleceria, anos depois, vítima de insidiosa moléstia, depois de se ter casado com outro colega do Liceu que se transferira para o Ginásio São João (Walter Gaspar de Oliveira).

9 — Maria Neumara Borges Mendes, que se formaria em Medicina pela Faculdade da Bahia e reside no Sul do País.

10 — Osmar Fontenele, que se diplomaria pela Escola de Agronomia do Ceará e viria a ser, incontestavelmente, grande autoridade em peixes no Brasil.

11 — Fernando Domingos da Silva, indiscutível vocação para as ciências matemáticas que se estiolou na burocracia do Banco do Brasil, em uma de cujas agências de São Paulo se aposentou, falecendo recentemente de enfarte.

12 – Edmilson Bastos de Oliveira, irmão de Juarez, em cuja residência, no então primeiro quarteirão da rua da Assunção (entre as ruas Pedro Pereira e Pedro I), lado do sol, realizávamos verdadeiras tertúlias, modo encontrado por Juarez para que o irmão mais moço desenvolvesse o gosto pelos estudos. Edmilson fez o curso médico na Faculdade da Bahia e faleceu em Baturité, onde clinicava, vítima de enfarte, ocorrido em uma barbearia da cidade.

13 – Carlos Pereira Viana, oriundo de Catuana (distrito de Caucaia), mas um dos mais pacíficos integrantes de nossa turma, hoje médico pela Faculdade da Bahia, especialista em leprologia.

14 – José Adahil Catunda Gondim, enxadrista desde então, que se formaria em Direito e se mudaria para o Sul do País.

15 – José Alfredo Guilherme da Silva, matriculado em 1930, que se formaria em Medicina e serviria na Aeronáutica, hoje reformado como Brigadeiro e morando no Rio de Janeiro.

16 – Carlos Augusto Lopes, que se formaria em Medicina e teria morte trágica no Rio de Janeiro.

17 – Carlos Alencar Arrais, o "Hipopótamo", matriculado em 1932, caririense que de lá viera e se deslocaria para o Sul do País.

18 – Hipólito Morais Rocha, que se formaria em Direito e seguiria a carreira da Magistratura, na qual se aposentou.

19 – Plácido Coelho, que se dedicaria à carreira bancária, logrando gerir conceituado estabelecimento de crédito em Fortaleza.

20 – José Teixeira de Freitas, que se formaria em Direito mas se dedicaria ao Magistério, em que realizaria brilhante carreira como professor universitário e da Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza, que se transformou novamente em Colégio Militar de Fortaleza. É sócio efetivo do Instituto do Ceará.

21 – Adalberto Augusto Figueiredo, mais tarde bacharel em Direito e Fiscal do Imposto de Consumo, depois Fiscal do Imposto de Renda, no Sul, no Paraná. Foi outra vez meu colega de estudo, integrando a

primeira turma do CPOR de Fortaleza, de 1942 a 1944, em plena 2a. Guerra Mundial.

22 – Elno Quinderé Moura, matriculado em 1930, que se bacharelou em Direito pela Faculdade do Ceará e encerrou sua cadeira como Assessor do Governador César Cals Filho e Procurador da Junta Comercial do Ceará.

23 – Carlos Alberto Teófilo Bezerra de Menezes, matriculado em 1928, já falecido.

24 – Valdemiro Brasil de Freitas, o "Bacorinho", atleta do "Maguari" e do "Fortaleza", já falecido.

25 – Humberto de Gouveia Soares Pereira, que se formaria em Medicina pela Faculdade da Bahia, vindo a clinicar no Iguatu, ao lado de seu tio e colega Dr. Manuel Carlos de Gouveia. Irmão de Hugo de Gouveia Soares Pereira, de quem já falei nesta relembrança.

26 – Rui de Gouveia Soares Pereira, como o imediatamente anterior, irmão de Hugo e médico pela Faculdade da Bahia, vindo a clinicar no Icó e, mais recentemente, em Fortaleza.

27 – Roberto Gluck Studart Montenegro, que seria aviador, falecendo tragicamente, logo no início de sua carreira, no Sul do País.

28 – Isaac Dias Macedo, que seria bacharel em Direito e funcionário do Ministério da Fazenda, em Fortaleza.

29 – Antonio Carlos Campos de Oliveira, matriculado em 1930, oriundo, como seus irmãos José Maria e João Hipólito, do Colégio Nogueira, do Professor Joaquim da Costa Nogueira, e que se formaria em Agronomia, mas se dedicaria ao magistério (Professor da Escola Normal, depois Colégio Estadual Justiniano de Serpa) e ao jornalismo, logrando ser Presidente, por dilatados anos, da Associação Cearense de Imprensa, depois de ter sido Diretor dessa prestigiosa entidade de classe por muitos anos, ocasião em que fomos novamente colegas.

30 – Lívio Bessa Noronha, futuramente bacharel em Direito e Procurador Fiscal do Estado, hoje aposentado.

31 – Paulo Mena Barreto de Freitas, hoje funcionário aposentado dos "Correios e Telégrafos".

32 – Olavo Bravo Cavalcante, que passaria a residir no Rio de Janeiro, funcionário de um dos antigos Institutos de Previdência do País, hoje unificados no INPS.

33 – Lourival Soares e Silva, o "Frei Joaquim", apelido que lhe pôs o Professor Aguiar, por ter vindo do Seminário. Era um dos colegas de melhor base humanística, sendo-lhe fácil ingressar na Faculdade de Direito e lograr o diploma de bacharel, com o qual ingressaria na Magistratura, em cujas funções já se aposentou.

34 – Adauto Castelo Branco Vieira Rossas, hoje funcionário aposentado da REFFSA, antiga Rede de Viação Cearense – Estrada de Ferro de Baturité.

35 – Celso de Sousa Santos Lisboa, filho do Professor Roberto Lisboa, mudou-se para o Rio de Janeiro e logrou eleger-se Vereador pelo antigo Distrito Federal (onde se situava a antiga capital do País) e Deputado pelo transitório Estado da Guanabara.

36 – Edmilson da Rocha Soares, sobrinho paterno de Frei Ambrósio Maria, de Fortaleza, que se deslocou para o Sul do País e dele não tive mais notícia, além da de que já faleceu.

37 – Lauro Vieira Mota, que se formaria em Direito, se deslocaria para o Sul do País e seria Procurador de um dos Institutos de Previdência de cuja fusão resultou o INPS, hoje aposentado e residindo em Fortaleza.

38 a 41 – Jaime Jener de Aquino, Humberto Correia, Aristides Moreira de Carvalho e Crisóstomo Carneiro de Azevedo, a respeito dos quais nenhuma informação tenho a prestar.

Desses 41, alguns vieram comigo desde a 1a. série, em 1929, enquanto outros me alcançaram no meio do curso, oriundos de outros estabelecimentos de ensino, de Fortaleza, do interior do Ceará e até de Estados vizinhos. Por outro lado, colegas houve que, por esse ou aquele motivo, se deixaram atrasar em seu curso, concluindo-o depois, ou se transferiram para outros estabelecimentos de ensino, especialmente o então Ginásio São

João, fundado pelo Professor César Campelo com a ajuda de seu cunhado João Gentil.

Não poderia eu concluir esta relembrança do Liceu do Ceará sem aludir a um fato curioso por mim notado. Foram muitas as trincas de irmãos que lá estudaram nos idos de 1929 a 1933. Seja-me lícito citar em primeiro lugar os Soriano Aderaldo — Tarciso, Alufsio e eu. Tarciso chegou a ser Capitão do Liceu, posto honorfssimo, embora só praticamente exercido nos desfiles de 7 de Setembro, e veio a diplomar-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1935, clinicando durante muitos anos em Fortaleza, onde dirigiu o Hospital da Polícia Militar do Estado. Alufsio, que também se diplomaria em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1936, veio igualmente clinicar em Fortaleza, como pediatra, integrando depois o corpo médico do antigo IAPB e ocupando uma cadeira na Faculdade de Medicina do Ceará.

Merecem referência os Campos de Oliveira — José Maria, João Hipólito e Antonio Carlos. Este último já foi aqui referido, como meu colega de turma. Quanto a José Maria, formar-se-ia em Direito pela Faculdade do Ceará mas se dedicaria ao Magistério, atingindo altos cargos administrativos do Ministério da Educação. João Hipólito, por igual formado em Direito por nossa Faculdade e professor como seus dois irmãos, exerce, ainda, o cargo de Secretário Administrativo do Tribunal Regional do Trabalho em nossa capital. Os três irmãos Campos de Oliveira vieram do Colégio Nogueira, já aqui referido, onde invariavelmente cursaram até a 1a. série do curso secundário, inclusive, transferindo-se depois para o Liceu.

Sejam relembrados agora os irmãos Pinto Bandeira — Iracema, Astolfo e Elisafan. Dos dois primeiros já falei quando fiz referência aos colegas de turma de 1933. De Elisafan não tenho notícias. Eram como já ficou esclarecido, de famflia protestante, mas nunca tiveram problemas com seus colegas oriundos de famflias católicas.

Eram três, também, os Gouveia Soares Pereira — Hugo, Humberto e Rui. Hugo, como ficou dito, foi meu colega no curso de preparação ao exame de admissão ao Liceu e ainda na 1a. série, mas não terminou o curso comigo, em 1933. Mas o fizeram seus irmãos Humberto e Hugo, de quem já falei quando tratei dos colegas de turma.

Relembrem-se, por igual, os irmãos Girão Barroso — Madaleno, Antônio e Genígno. Madaleno matriculara-se em 1928 e, formado em

Direito por nossa Faculdade, tornar-se-ia seu catedrático, ensinando Economia Política. Antônio, também se tornaria bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, da qual seria igualmente professor como Assistente de seu irmão e, depois, como catedrático. Mas sua vocação irrecusável seria as letras, logrando ocupar lugar proeminente entre os intelectuais de sua geração, dedicando-se concomitantemente ao jornalismo. Benígno formar-se-ia em Medicina e clinicaria em Petrópolis. Um quarto irmão — o Aluísio — não se matricularia no Liceu senão depois de minha saída, mas seria colega meu no Tribunal de Contas do Ceará.

Estudou no Liceu do meu tempo outra trinca de irmãos — os Albano Amora — Manuel, Abelardo e Gil. Manuel e Abelardo ingressaram em 1929 e Gil no ano imediato. Manuel formar-se-ia em Direito por nossa Faculdade e seria Promotor de Justiça, Subprocurador do Estado e Professor da Faculdade de Direito do Ceará, primeiramente como Assistente do eminente intelectual católico Manuel Antônio de Andrade Furtado e, depois, como Catedrático. É homem de letras, integrando a Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). Abelardo tornar-se-ia dentista e Gil seria funcionário da Secretaria Estadual da Fazenda, já tendo falecido.

Refiro-me, neste ensejo, aos irmãos Almeida Aguiar — Ilkens, Wilson e Adolfo, primos de minha colega de turma Araci. Ilkens faria carreira no Banco do Brasil. Wilson seria chefe da Censura Cinematográfica no País e Adolfo tornar-se-ia Engenheiro e residiria no Rio de Janeiro.

Existiam, ainda, no meu tempo de liceista os irmãos Gondim Monteiro — Eduardo, Evandro e Eliézer. Eduardo se bacharelaria em Direito e ingressaria, se não me equivoco, no Ministério Público. De Evandro não tenho notícias. De Eliézer, que ingressou no Liceu em 1929 mas não terminou o curso comigo em 1933, seria mais tarde meu colega no CPOR de Fortaleza, integrando a primeira turma desse estabelecimento de instrução militar superior, infelizmente extinto.

Dos irmãos Carneiro de Azevedo — Crisóstomo, Cristóvão e Crisanto, que, comigo, ingressaram no Liceu em 1929, somente o primeiro integrou a turma de 1933. Não tenho posteriores notícias dos três.

Acredito que outras trincas de irmãos possam ter existido durante o qüinqüênio 1929 a 1933, mas minha memória somente registra as referidas acima. Assim como houve, igualmente, muitas duplas, cuja referência seria exaustiva e aumentaria, de muito, esta relembrança.